EMANUEL ASSUERO SILVA COSTA ALVES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.27-32>

Caminhos para o sucesso!

Olá, eu sou Emanuel Assuero, meu nascimento ocorreu já no início do século 21, sendo exatamente, no dia 06 de abril do ano 2000. Vivo na cidade do Recife/PE.

Tive o privilégio de ser filho de Rosineide Alves e Denis Alves, pais incríveis; agradeço a Deus quase todos os dias por tamanho presente. Tenho 3 irmãs mais velhas, Manuela Cleo, Mayara Celle e Ester Mirth's. E juntos cuidamos de 4 cachorros, Snoop, Amora, Romeo e Hope. Ou eles cuidam de nós. Nossa casa sempre está de ponta cabeça por conta deles, mas até que gostamos.

Eu poderia dizer que minha comida predileta é pizza ou lasanha, mas, sinceramente, eu não estaria sendo fiel à minha consciência, então confesso que não tenho uma comida preferida, gosto tanto de pizza como gosto de melancia, como gosto de laranja, maçã, cuscuz, tapioca... eu não tenho uma comida preferida, eu amo todas. Acredito que é por conta disso que não fico doente facilmente.

Mudando de assunto, lembro-me que meu início escolar, surgiu na Escola Municipal Ester Campelo, uma escola pequena e humilde, porém com professores de excelente qualidade. Infelizmente, não lembro muito dos nomes dos ilustres

professores que tive, e nem sei exatamente quem me ensinou a ler, a escrever, a somar, e quem sempre ficava zangada comigo por não saber as todas as cores. Não lembro! Mas sei que eu aprendi e sou grato.

Eu estudei no Ester Campelo até ao 5º ano, pois do 6º ano ao início do Ensino Médio (metade do 1º ano), eu fui para uma escola particular local, que transformou a minha vida. Tirou-me da inércia.

Oásis Colégio e Curso, esse é o atual nome da escola, que me ajudou a ser quem sou hoje. Você pode estar pensando que estou exagerando em minhas definições, mas vou lhe contar uma história interessante sobre mim. Vamos lá. Eu sabia ler, mas não entendia absolutamente nada do que eu lia, sabia escrever, mas para mim a escrita era apenas letras após letras, e que os professores só pediam para a gente escrever, simplesmente porque queriam nos castigar, pelo barulho. Assim eu negligentemente pensava. Realmente estava perdido e precisava de ajuda.

Assim que ingressei no 6º ano, senti que estava no lugar errado, pois o nível de ensino era bem superior ao que estava esperando, e o pior era que as dificuldades aumentavam relativamente com o tempo; eu estava na parte fácil e já me sentia sufocado com tantos assuntos novos e difíceis de compreender. Bem certo que eu deveria levar essa situação aos meus professores, ou à direção, para que eles me guiassem e me ajudassem na medida do possível, mas como é que faz isso se você é novato, tímido e tem medo de não ser inteligente suficiente? Como é que faz? Simples, não faz, esse era o meu leigo pensamento.

Por sorte, minha mãe percebeu a minha dificuldade, viu que eu precisava de ajuda e não hesitou, falou com meu pai e me colocou no reforço escolar. O reforço escolar foi minha salvação, pelo menos foi quase isso. Eu tive a melhor professora possível, tia Glorinha. Falo isso com tanta convicção porque além dela me ensinar as lições de classe, me ensinava, ao mesmo tempo, lições de vida que guardo até os dias atuais.

Atualmente o reforço ainda fica próximo à minha casa e quando passo por lá recordo dos bons tempos, e também dos dias nublados que passei na escola. Ali eu aprendia praticamente tudo de novo, eu tinha basicamente a mesma aula 2 vezes, no

mesmo dia. Era bem chato e cansativo, mas extremamente necessário e eu entendia a situação.

Com o tempo fui pegando o jeito, fui pegando o ritmo, mas mesmo assim, por mais que eu estudasse, eu não conseguia tirar notas boas o suficiente para passar nas matérias, sempre ia para a recuperação, na maioria das vezes em todas as matérias, exceto Educação Física e Artes. Essas eram mais fáceis de passar.

Eu tinha muito que melhorar, e sabia disso. Por isso não desisti da guerra. Batalhei até a última prova ser aplicada. No final do ano, eu estava afiado como um bisturi, estava conseguindo tirar notas dignas de um ano corrido e puxado.

Entretanto, mesmo com melhoras significativas eu não consegui passar de ano, por conta das minhas notas baixas no início do ano, na 1º e 2º unidade, sendo mais preciso. Eu me senti péssimo depois dos resultados, fiquei triste por ter perdido um ano escolar, e, mais triste ainda, porque meu pai não tinha tantas condições para pagar aquela escola particular, e ele suou tanto no trabalho, doou tanto de si no trabalho, para dar a mim e minhas irmãs um ensino de qualidade, e eu não valorizei o suficiente.

Esse peso na consciência foi a fagulha que explodiu minha mente impulsionando-me a ser melhor e irrepreensível no ano seguinte. Eu estava com essa meta, esse objetivo, e não deixaria nada mudar isso. Essa era minha missão, meu desígnio, meu propósito.

No ano seguinte eu mal toquei nos livros que tinha, os assuntos ainda estavam frescos em minha mente, eu lembrava-me de tudo, cada detalhe, estava muito confiante. E confiança excessiva gera uma estagnação inconsciente, pensamos que sabemos de tudo, e na realidade não sabemos. Pois algumas coisas mudam, e a nossa mente pode falhar e nos deixar na mão. Então vendo que eu não lembrava completamente de tudo que estudei no ano anterior, comecei em outro reforço escolar, pois ainda não conseguia estudar em casa, não conseguia me concentrar o suficiente.

Esse era próximo da escola e tinha várias pessoas da minha sala que também o frequentavam, era ótimo, lembro-me bem que tinha até um futebol ou tênis de mesa, no final, quando acabávamos as atividades. Essa ideia de jogos no fim era muito boa,

pois mesmo quando eu não tinha vontade de ir, eu acabava chegando, apenas por conta dos jogos após o fim das atividades.

Fiquei nesse reforço escolar até o 8º ano, depois percebi que não precisava mais e deixei de frequentar. Eu já estava acostumado à rotina, estava indo bem nas provas, nas atividades, nos seminários, e em outras atividades escolares. Eu nunca gostei de estudar em casa para provas, ou de fazer atividades de casa, e na maioria das vezes eu fazia essas coisas na escola, ou quando largava, ou fazia na classe mesmo, antes de largar.

Quando eu chegava em casa minha mãe ficava preocupada comigo, porque eu nem estudava e nem fazia as atividades de casa, em casa. Ela pensava que eu tinha voltado a ser como fui no 6º ano, mas eu explicava a ela que tinha realizado, porém era percebível que ela não dava muito crédito, mas mesmo assim deixava passar, pois queria mostrar que estava confiando em mim, e isso era ótimo, aumentava minha dedicação. No fim da unidade quando ela pegava o boletim percebia que eu não estava mentindo e ficava alegre com o desempenho. Sempre chamava minha atenção sobre o que os professores constantemente falavam, eles elogiavam o progresso alcançado, mas em contra partida reclamavam que eu falava demais, mas isso era o mínimo em relação ao objetivo principal.

Um fato sobre mim: já que eu não gostava de estudar em casa, ficava a tarde toda procurando o que fazer, e acabava desmontando um som antigo, um celular que não prestava mais, uma bicicleta parada, desmontava tudo que via, para ver qual era o problema, porque ele tinha parado de funcionar. O ruim era que eu só não sabia colocar as coisas de volta, não sabia deixá-los como antes.

Eu não queria ser médico, não queria ser jogador de futebol, nem um ator de cinema. Por mais que eu goste de ajudar as pessoas, e entregaria a minha por amor a vida alheia, eu não gostaria de ser apenas um médico, e por mais que eu goste de esportes, no contexto bem geral, eu nunca tive a ambição de ser um jogador, e por mais que eu goste de uma encenação, eu não tenho essa vontade de ser ator.

O meu sonho é de trazer utilidade ao que se tornou inútil, fazer as coisas que não prestam voltarem a realizar seu papel antes estabelecido. Caso realmente não tenha

como deixar com utilidade, pois ficou ultrapassado, estabelecer um plano de melhoria para o objeto, ou reutilizar as peças para um projeto secundário, de um modo que as demais peças sejam corretamente descartadas para uma reciclagem adequada e sustentável.

Por conta desse sonho que no final do ensino médio eu mudei para outra escola, eu queria ser mais útil na vida das pessoas. E também queria ter a oportunidade de participar de competições que ocorrem apenas para escolas estaduais. No mês de agosto de 2016 eu entrei no EREM Alberto Torres, com um intuito de ser mais desafiado, e de também poder ajudar os alunos que não conseguiam entender assuntos que inicialmente aparentavam ser complexos. Porém, por incrível que pareça, os alunos da rede estadual estavam no mesmo nível que eu, um nível muito bom.

Em 2017 tive a oportunidade de participar de uma seleção de um projeto governamental chamado PROUNI, que ajuda os alunos do Ensino Médio a cursar cursos da área que desejar e por sinal tinha Mecânica. Ao avistar o curso eu ligeiramente me inscrevi, e junto com uns amigos passar. Lá eu tive a oportunidade de aprender por longos 2 anos tantas coisas que precisariam de mais algumas páginas desse livro para descrever, com mais clareza, tudo quanto se desencadeou em tão pouco tempo.

Eles me admitiram com representante de turma, mesmo sem eu querer tal cargo, porém não tive como revogar, me bloquearam dessa opção, e até que eu gostei. Foi uma ótima experiência. Sério mesmo. Agradeço a cada um da turma que fez parte da turma, pois eu não aprendi somente com os excelentíssimos professores que tivemos, mas com cada um.

No fim do curso busquei uma outra oportunidade de curso técnico na área de manutenção, e encontrei um panfleto do IFPE, então resolvi pesquisar sobre os cursos e tive interesse por um que tem como título Climatização e Refrigeração, e atualmente estou cursando-o, tendo o prazer de dizer que está cada vez melhor. Quando penso que não tem como piorar, piora, e sinceramente, eu gosto disso, gosto do que é difícil e complexo, eu gosto de ser desafiado. Ajuda-me a ser melhor, e isso é bom. Certo dia quando estava na coordenação do meu curso, no *Campus* Recife do IFPE para ver o horário das aulas, recebi uma mega proposta de ajudar jovens de cursos

superiores, a criar a sua própria empresa. Ouvindo tais palavras, rapidamente concordei com a ideia e me propus a ajudar, bem certo que eu não sabia a fundo como funcionaria o projeto, nem como poderia ajudar, mas eu estava ali para aprender, e a ideia aparentava ser muito boa.

Depois de longas horas conversando eu compreendi tudo sobre o projeto, a ideia principal e tudo que a envolvia, eu achei incrível e concordei em participar do PDV, do projeto, bem como de diversas ações ligadas ao programa, a exemplo do COINTER PDVGT, pelo qual submeti trabalho. E desse dia em diante, os professores Derek Alves e Erick Silva, bem como, a estudante Rosangela Santos, em muito tem ajudado na realização das atividades e também a compreender mais sobre alguns assuntos em que eu não tinha nenhum domínio. E hoje, juntos, estamos levando motivação aos discentes de cursos superiores.

O PDV tem me proporcionado o atingimento de diversos objetivos em meu processo formativo, é uma fábrica de conhecimentos disponível para alunos e educadores.